

Fernando Pessoa

**P — Em que crês?**

P — Em que crês?

R — Sou cego.

P — Quem és?

R — Sou nu.

P — O que tens?

R — Só a mim.

P — Queres ser recebido nesta ordem para nela teres a luz?

R — Quero, se m'a mostrarem.

P — Q[ueres ser recebido nesta ordem] para dela teres a veste?

R — Quero, se m'a vestirem.

P — [Queres ser recebido nesta ordem] para nela teres guarida?

R — Quero, se ela me for dada.

P — Companheiros do Átrio, o neófito é cego, nu e pobre.

R<sup>1</sup> — Dê-se-lhe a luz, porque sabe que é cego.

R<sup>2</sup> — Dê-se-lhe a veste, pois que sabe que é nu.

R<sup>3</sup> — Dê-se-lhe guarida, pois que sabe que é pobre.

R<sup>4</sup> — Dê-se-[lhe] tudo porque sabe que é nada.

P — Porque disseste que eras cego, se não eras cego?

R — Sou cego para depois ver.

P — Porque pensaste que eras nu, senão estás nu?

R — Porque estou nu para ser vestido.

P — Porque disseste que eras pobre (...)

(Mão sobre o coração)

Juro pela minha alma e vida e por tudo quanto, embora eu o não saiba, contenham ou possam vir a conter, que não desvendarei nenhum segredo d'esta ordem, e que o não farei por palavra dita ou palavra escrita, por palavra directa ou translata, nem o dizendo, nem o indicando, nem o fazendo presumir.

s. d.

**Pessoa por Conhecer — Textos para um Novo Mapa** . Teresa Rita Lopes. Lisboa: Estampa, 1990: 79.